

UMA ANÁLISE DIACRÔNICA DAS MANCHETES E LIDES DA REVISTA SUPERINTERESSANTE

Tarcísia Travassos¹

1. INTRODUÇÃO

A revista Superinteressante é uma publicação mensal da Editora Abril que tem como objetivo oferecer aos leitores uma visão ampla do que se tem feito em termos de pesquisa e realizações científicas e tecnológicas em diversas áreas. Não se trata de uma revista científica, mas sim de uma revista que trata do conhecimento – ciência inclusive – de uma forma ampla, arejada, atraente e bem-humorada.

Para apoiar essa nossa pesquisa, recorreremos a trabalhos de autores como Marcuschi (1986), Coracini (1989), Aguiar (2003), e Haggan (2003).

Ao mesmo tempo que informam e atraem o leitor, os títulos ou manchetes precisam ser breves e sucintos pois dispõem de espaço limitado. Ao atribuir uma manchete a uma matéria, o repórter não deve se esquecer de que está às voltas com uma peça importante que pode levar o leitor a decidir-se por ler ou não determinada matéria. Uma manchete atraente deve transparecer a atualidade do assunto e na imprensa é o impacto das informações sobre problemas atuais vividos pela comunidade, dos enfoques novos, inusitados que parecem chamar a atenção e convidar à leitura. Os lides caracterizam-se por apresentarem o principal tópico tratado na matéria jornalística.

O conjunto constituído pelas manchetes, lides e imagens das capas das revistas deve formar um leque bem definido e distribuído de perspectivas e expectativas que subdivida o tema em porções razoáveis. As manchetes impressionam, pois em poucos segundos, informações e sensações invadem o leitor. Visualmente elas contribuem na estruturação das capas, tornando-as mais atraentes. É grande também a importância do tamanho e tipo das letras e das ilustrações que a acompanham. As manchetes e as imagens das capas das revistas sempre procuram dar ao leitor uma idéia precisa do tema que será tratado nas matérias principais e representam uma estrutura motivacional na qual, as imagens apóiam as manchetes transmitindo ao leitor uma sensação de realidade.

Ao definir o tópico mais importante, a manchete define a situação ou evento que será relatado no texto. Ao processarmos o conteúdo da manchete, estamos ativando nossos esquemas de conhecimento prévio: os frames, os scripts e os modelos de situação e construímos um tópico subjetivo, uma proposição de nível mais alto que contém a macroestrutura semântica do texto. Esses esquemas e modelos interagem com informações textuais durante a compreensão. Segundo Koch e Travaglia, (1997), os títulos dos textos funcionam como focalizadores, à medida que ativam ou selecionam áreas do conhecimento de mundo que temos arquivados na memória.

¹ PCR (Prefeitura da Cidade do Recife)

Com base em pesquisa sobre títulos de artigos das áreas de Literatura, de Linguística e de Ciências, Haggan (2003:21) comenta que os títulos da área de Ciências são uma apresentação precisa sobre o assunto tratado no texto e os títulos da área de Literatura são uma espécie de flerte verbal que seduz o leitor com insinuações de deleite. Entre os dois extremos, correspondendo mais aos títulos da área de Ciências, estão os títulos da área de Linguística.

Rush (1998 apud Haggan, 2003: 20) mostrou que a frase nominal, em títulos de propagandas inglesas, caracteriza-se pela anteposição de uma série de modificadores, enquanto a frase nominal em títulos de artigos científicos caracteriza-se por uma série de modificadores pospostos, geralmente preposicionados. Rush afirma que a anteposição de vários modificadores produz um certo grau de imprecisão que pode ser interessante no anúncio publicitário, mas não no artigo científico, no qual o autor deve ser o mais preciso e objetivo possível, o que pode ser conseguido através da anteposição e posposição de modificadores.

2. ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com a análise das 180 manchetes, verificamos a ocorrência de 128 manchetes nominais, 36 manchetes oracionais, 4 manchetes preposicionais e 1 manchete adjetival. Porém focalizaremos, neste trabalho, apenas as manchetes nominais devido ao seu alto grau de incidência.

Como podemos ver no gráfico 1, (Tipos de Manchetes Nominais) as manchetes nominais foram agrupadas em dois tipos: as formadas por sintagma nominal básico (SNB), compostas apenas pelo substantivo núcleo do sintagma, e as formadas por sintagma nominal expandido (SNE), compostas pelo núcleo, antecedido ou seguido por determinantes, quantificadores ou modificadores. Das 128 manchetes nominais, 62 constituíram-se de SNB e 66 de SNE.

De 1988 a 1992, as manchetes nominais formadas apenas por substantivo predominaram, com exceção do ano de 1990, no qual houve igual utilização dos dois tipos de manchetes, ou seja, das formadas por SNB e das formadas por SNE. No ano de 1999, só registramos o uso de manchetes com SNE e oracionais, mas a partir de 2000, os SNB voltam a constituir as manchetes principais e em 2002, até o mês de setembro, quando a revista completou 15 anos, este tipo de construção gramatical havia retomado, significativamente, o status de manchete principal.

Os 62 SNB se constituem de substantivos que nomeiam, por exemplo:

Espécies – baleia, chimpazés, formigas, dinossauros, plantas;

Papéis sociais – buda, dalai lama;

Personalidades – Einstein;

Objetos – televisão, bicicletas, bonecas, bíblia;

Sensações – dor;

Substâncias – sangue, maconha, vitaminas, ecstasy;

Doenças – aids;

Áreas de conhecimento – Antropologia, Física, Biodiversidade, Cinema;

Aspectos geográficos – vulcões, pântano, florestas, Terra, Marte, Antártida, sol, planetas,

Netuno, ambiente;

Localizações geográficas – EUA, Antártida;
 Problemas sociais – superpopulação, pedofilia, drogas, violência, eutanásia;
 Técnicas e processos científicos – holografia, relatividade;
 Atividades humanas – automobilismo, olimpíadas, fórmula 1.

A natureza nomeadora do substantivo permite, portanto, a identificação da variedade dos temas abordados pela revista, nestes 15 anos, os quais variam da Física à Pré-história, da Astronomia à Ecologia, da Informática à Psicologia ou à Religião.

As manchetes construídas por SNE apresentaram um crescimento significativo a partir de 1993 e se mantiveram como um recurso lingüístico bastante usado até 2001. Do ponto de vista sintático, os SNE realizam-se nas seguintes estruturas:

- a) Núcleo do sintagma precedido de determinante:
 - *Os invasores* (outubro de 1995)
 - *O alcorão* (novembro de 2001)
- b) Núcleo do sintagma precedido de modificador:
 - *Falsas Assassinas* (maio de 1994)
 - *Malvada Carne* (dezembro de 1998)
- c) Núcleo do sintagma precedido e seguido de modificador:
 - *Boas novas para o coração* (maio de 1991)
- d) Núcleo do sintagma seguido de modificador:
 - *Medicina Chinesa* (outubro de 1989)
 - *Cavaleiros Andantes* (dezembro de 1989)
- e) Núcleo do sintagma seguido de modificador preposicionado com funções adverbial ou adjetival:
 - *Proezas do pé* (junho de 1990)
 - *Viagem no tempo* (novembro de 1992)
- f) Núcleo do sintagma precedido de quantificador e seguido de modificador:
 - *1000 léguas subterrâneas* (agosto de 1996)
- g) Núcleo do sintagma precedido de determinante e seguido de modificador com funções adverbial ou adjetival (precedido de preposição ou não):
 - *A era do robô sapiens* (setembro de 1987)
 - *A revolução dos supercondutores* (outubro de 1987)
 - *O mundo sem petróleo* (junho de 1993)
- h) Núcleo do sintagma precedido de determinante e seguido de modificador com intensificador:
 - *O bandido mais amado do Brasil* (junho de 1997)
- i) Núcleo do sintagma precedido de quantificador com intensificador:
 - *Muito mais prazer* (setembro de 1998)

j) Núcleo do sintagma precedido de determinante + modificador e seguido de modificador (preposicionado ou não):

- *A nova era da luz* (outubro de 1989)
- *O incrível salto da física quântica* (agosto de 1990)

Dentre as 66 ocorrências de SNE, 52 delas comportam a mesma estrutura, ou seja, são formadas por modificadores pospostos ao substantivo núcleo do sintagma. A posposição de modificadores ao núcleo do sintagma, quer com função adjetival quer adverbial, sinaliza para o leitor, na maioria dos casos, qual a delimitação dada ao assunto, como por exemplo *Medicina Chinesa*, *Disco a Laser*, *A reforma em Marte*, atribuindo, portanto, uma maior precisão à manchete. Tal aspecto é característico em revistas científicas especializadas, mas como a *Superinteressante* é uma revista popular de divulgação de informações, encontramos também construções ambíguas e metafóricas em suas manchetes, como por exemplo, *Cabeça Aberta*, *Falsas Assassinas*, cuja objetividade temática será favorecida pela presença da imagem.

Registramos ainda manchetes nominais formadas por processos híbridos, ou seja, pela utilização de ambos os tipos de sintagmas nominais. É o caso de:

- Deus, a ciência e eu STEPHEN HAWKING (agosto de 1993)

Nesta manchete, há uma seqüência de SNB que funciona como um turno de fala, uma vez que o pronome “eu” segue-se do seu referente, ou seja, do nome do físico Stephen Hawking, num processo de auto-identificação, corroborado pela fotografia do mesmo.

- AIDS
A 1% da cura (outubro de 1996)
- VACINAS
A cura ou a doença? (fevereiro de 2001)

Estas manchetes apresentam o mesmo padrão de construção: SNB seguido de SNE. A diferença entre elas recai na função argumentativa desempenhada pelos SNE, pois se pode notar que em *A 1% da cura* prevalece o caráter de novidade da notícia científica, ou seja, a intenção é divulgar a descoberta científica o mais rápido possível e com a maior precisão. Já na construção *A cura ou a doença?*, verifica-se que a reportagem apresentará o tema de forma polêmica, pois pelo menos duas teses serão levantadas sobre o uso de vacinas.

- Extinta? Eu? (dezembro de 1994)

A construção desta manchete é muito interessante, pois o texto verbal (modificador + pronome pessoal) sinaliza o discurso do personagem da imagem: a onça pintada. Há uma integração perfeita entre as formas verbal e pictorial, uma vez que o modificador *extinta* é usado de forma interrogativa e se referindo ao próprio emissor *eu?*, ou seja, a própria onça põe em xeque dados científicos acerca do seu desaparecimento.

Faremos agora alguns comentários sobre a relação entre os lides e a progressão informacional das manchetes nominais. O caráter generalizante dos substantivos

formadores dos sintagmas exige o acompanhamento de lides, para que o leitor possa ser informado do enfoque dado ao tema. Por isso todos os 62 SNB e 51 dos 66 SNE se fizeram acompanhar de lides construídos por um ou mais SNE ou por uma ou mais orações, com funções textuais específicas, como por exemplo:

- *Lides definidores:*

1988	Junho	Holografia	<i>Imagens de luz em três dimensões</i>
1990	Setembro	Pantanal	<i>Terra das águas</i>

- *Lides déiticos:*

1988	Março	Dor	<i>Esse tormento pode acabar</i>
-------------	-------	------------	----------------------------------

- *Lides qualificadores:*

1987	Novembro	Einstein	<i>O homem que modestamente mudou o mundo</i>
-------------	----------	-----------------	---

Analisando a construção dos lides, na perspectiva histórica, facilmente notamos que até junho de 1992, os lides eram apenas constituídos por um SNE ou por apenas uma oração.

A partir do segundo semestre de 1994, a expansão do texto do lide se torna uma constante, quer acompanhando SNB ou SNE. A título de ilustração, vejamos os SNB de 1988, primeiro ano com publicação em todos os meses, e os SNB de 2002 com os respectivos lides:

1988	Fevereiro	Sol	<i>O senhor da vida</i>
	Março	Dor	<i>Esse tormento pode acabar</i>
	Maio	Televisão	<i>A tecnologia exhibe o futuro</i>
	Junho	Holografia	<i>Imagens de luz em três dimensões</i>
	Agosto	EUA	<i>De volta ao espaço</i>
	Setembro	Baleia	<i>A rainha do mar</i>
	Novembro	Planetas	<i>A busca fora do sistema solar</i>

2002	Janeiro	Drogas	<i>O mundo está descobrindo que é impossível eliminá-las. O que fazer então? Por que usamos drogas? Drogas leves conduzem mesmo a drogas mais pesadas? O que aconteceria se todas as substâncias fossem legalizadas?</i>
	Fevereiro	Morte	<i>Nada mais natural, mais certo e inevitável. Apesar disso, nada nos aterroriza tanto. Como lidar melhor com a idéia da morte?</i>
	Março	Buda	<i>A fascinante história do homem que criou uma religião sem Deus Quais são seus ensinamentos e por que eles influenciam tanta gente?</i>
	Maio	Pedofilia	<i>Como a ciência explica o desejo sexual por crianças? Qual é o perfil de quem abusa de menores? Por que o erotismo infantil atrai tanta gente?</i>

	Julho	Bíblia	<i>O que é verdade e o que é lenda</i>
	Agosto	Maconha	<i>Por que é proibida? O que aconteceria se fosse legalizada? Como a ciência aumentou seus efeitos? Faz mal à saúde?</i>
	Setembro	Espiritismo	<i>Que religião é a sua? Por que tantos brasileiros seguem a doutrina de Allan Kardec?</i>

E para finalizar, chamamos a atenção para um recurso empregado na construção de manchetes e lides: a intertextualidade. Vejamos alguns exemplos:

1993	Dezembro	Pântano	<i>Depois da tempestade vem a vida</i>
1992	Julho	Aids	<i>Muitas novidades Mais remédios A vacina vem aí Talvez o HIV não seja o único culpado</i>
1996	Agosto	1000 léguas subterrâneas	<i>A ciência viaja ao interior da Terra e traz notícias incríveis de lá</i>
1996	Dezembro	Gigantes pela própria natureza	<i>Depois de 20 anos no exílio, os panarós reconquistam suas terras</i>

O lide bem informal *Depois da tempestade vem a vida* surpreende o leitor pois procura lembrar o ditado popular “depois da tempestade vem a bonança”. *1000 léguas subterrâneas* e *Gigantes pela própria natureza* são manchetes que também aproveitam o já-dito, ou melhor, o conhecimento prévio do leitor, uma vez que retomam, respectivamente, o nome do conhecido livro e filme *1000 léguas submarinas* e um verso do hino nacional brasileiro.

A construção dos lides no decorrer dos 15 anos da revista *Superinteressante*, apresentam modificações que passam do ponto de vista lingüístico - de sintagmas nominais expandidos a orações plenas -, do ponto de vista retórico – de construção meramente afirmativas a orações interrogativas sinalizadoras de polêmicas.

Os lides tendem a se definirem como o primeiro espaço verbal utilizado pela revista para informar ao leitor a natureza polêmica do tema tratado, corroborando com a função básica do jornalismo que consiste em apresentar as diversas possibilidades de abordagem de um tema, sem, no entanto, endossar uma determinada posição.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a revista *Superinteressante* ao longo de seus quinze anos de história manteve sua tradição na popularização de conhecimentos científicos produzindo manchetes e lides que levassem ao grande público informações das áreas das Ciências Exatas, Humanas e Sociais com um toque de irreverência e bom humor.

Continuaremos a nossa investigação, analisando as manchetes preposicionais, adjetivais e oracionais que também constituem o *corpus* desta pesquisa, dando especial atenção à relação entre as manchetes oracionais e os lides e esperando contribuir para uma compreensão mais ampla e mais consistente das características formais e funcionais de *manchetes* e *títulos*.

REFERÊNCIAS

- CARONE, F. B. (1991) **Morfossintaxe**. 3. ed. São Paulo: Ática.
- CORACINI, M. J. R. F. (1989) O título: uma unidade subjetiva (caracterização e aprendizagem) In: **Trabalhos de Linguística Aplicada**, nº 13, pp. 235-254.
- FARIA, M. A. (2001) Manchetes e títulos no jornalismo brasileiro: o dito e o não dito. In: AZEREDO, J. C. (org.) **Letras e Comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes.
- HAGGAN, M. (2003) Research paper titles in literature, linguistics and science: dimensions of attraction. In: **Journal of Pragmatics**, nº 9, 1-23.
- KLEIMAN, A. & MORAES, S. E. (1999) **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras.
- KOCH, I. G. V. e TRAVAGLIA, L. (1997) **A coerência textual**. 8. ed. São Paulo: Contexto.
- MARCUSCHI, L. A. (1986) **O texto no ensino de língua: sugestões teóricas e práticas**. Recife: UFPE, mimeo.

